

À propósito de uma revista

*Allan de Paula Oliveira**

É no mínimo estranho, reler, mais de dez anos depois, os textos que escrevi para a *Revista Vernáculo*, publicação cuja organização tive o privilégio de participar entre 1999 e 2001. Escrevi dois textos: “Mestres Espirituais: atuação dos clérigos no período colonial”, publicado no primeiro número da revista; “Arte e Sociedade”, no quarto número, em um dossiê temático sobre Norbert Elias. Mais de dez anos depois os textos pouco me dizem – a não ser lembrar-me que eu ainda não aprendi a usar vírgulas... – e parecem escritos por outra pessoa. Mais estranho do que os textos em si é ser tomado por esta sensação de que “se passaram mais de dez anos” (e eu continuo sem saber usar vírgulas...) e que alguma coisa se perdeu. Há aqui um misto de estranheza e de saudade.

Saudade porque tomar a *Vernáculo* nas mãos, hoje, significa a lembrança de amigos, de momentos e situações que foram centrais para o que faço, o que vivo. Em 1999 éramos um grupo de estudantes do curso de História da UFPR: curiosos, pedantes, pretensiosos, mas que compartilhavam alguma coisa que, talvez, não soubéssemos (falo por mim) definir. A busca de algo, uma procura. A *Vernáculo* surgiu

* Allan de Paula Oliveira, na verdade, gostaria de ser atacante do Flamengo. Como não deu, resolveu se exercitar na “arte do convencimento alheio” e por isso virou professor. Ensina antropologia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mesmo assim, ainda sonha com a 9 do MENGÃO.

daí: um desejo – palavra que Freud nos ensinou a conjugar com “trabalho” – de fazer algo, escrever, ser lido, dividir. Conjugadas aí estavam razões que lembro com carinho: nosso interesse em tudo – de futebol argentino da segunda divisão à Franz Kafka, de Chico Science e Nação Zumbi à Capistrano de Abreu, de lambari frito no antigo mercado municipal de Curitiba (aonde íamos almoçar toda quarta-feira) à E. P. Thompson; as boas aulas e as boas prosas de professores que nos cutucavam – Carlos Lima, Ana Maria Burmester (que fez a apresentação do primeiro número da revista), José Roberto Braga Portela, Luiz Geraldo Lima, dentre outros. Em suma, a Vernáculo surgiu de um desejo gestado em um ambiente que a muitos de nós deu o tom do que seja universidade.

Passados mais de dez anos, e olhando em perspectiva textos e revista, diria que nada mudou. Continuo sem saber usar vírgulas, continuo assistindo futebol argentino da segunda divisão e continuo achando Kafka e Thompson duas boas razões para viver. Talvez o que tenha mudado seja aquela pressa que tínhamos, aquela “busca” a que aludi acima. Olhando o primeiro número, hoje, percebo que ele é fruto de um momento da vida em que pensávamos no futuro, nas pessoas que seríamos. Havia algo por fazer e estávamos simplesmente fazendo. O tempo – essa dádiva, segundo Thomas Mann – contudo, a tudo decanta. Hoje, talvez, não tenhamos a mesma pressa e as mesmas ambições, porque talvez percebamos que no final resta apenas a saudade do que foi vivido entre amigos e colegas em um momento do passado. Hoje sou professor, dou aulas, escrevo algumas coisas, penso outras e isto começou lá, com a *Vernáculo*,

com aquele ambiente de amigos numa universidade. E esta lembrança é a que fica. O resto não tem a menor importância.

Afinal, alguém pode me explicar como se usam as vírgulas?